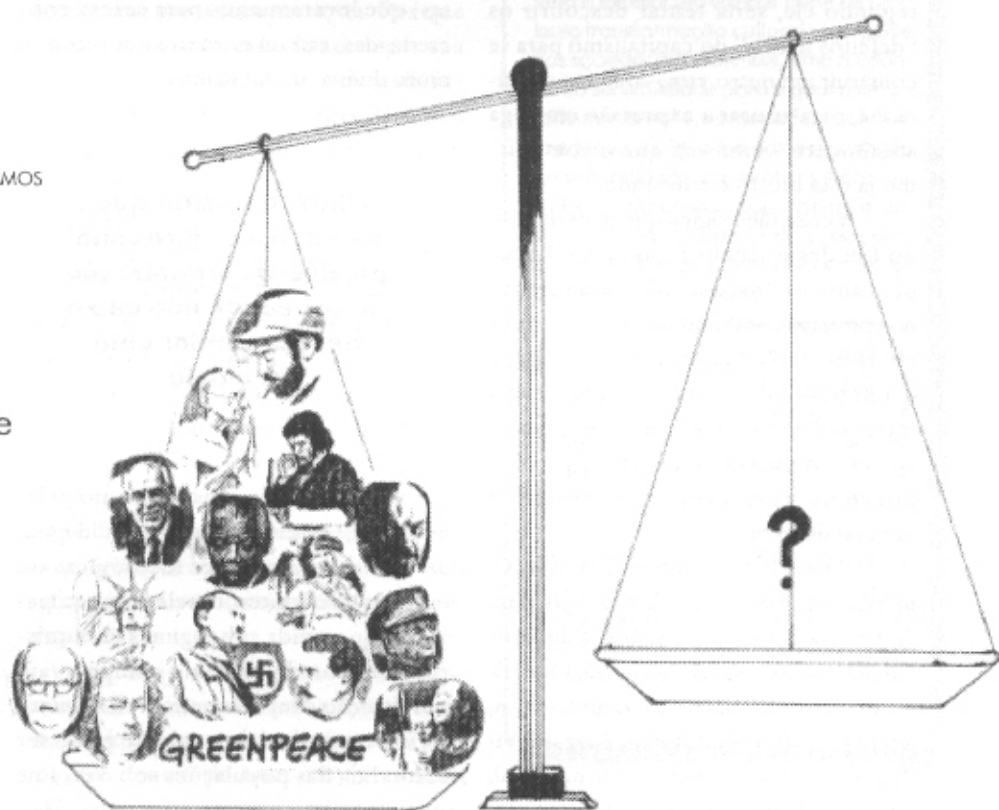


IDEOLOGIA, EU QUERO UMA PRA VIVER...

LUIA MARTINS, ROBERTA PENNAFORT E SUSANA RAMOS

Na era pós-utopia, a geração que viu o comunismo ruir e o capitalismo entrar em crise se pergunta: ainda existe algo em que acreditar?

*"Meu partido é um coração partido
Minhas ilusões estão todas perdidas
Os meus sonhos foram todos vendidos
Tão barato que eu nem acredito (...)
Ideologia, eu quero uma pra viver"*



Em meados da década de 80, Cazuzza já clamava por algo em que pudesse acreditar. "Ideologia", a canção, é um signo da angústia que a época despertava naqueles que buscavam uma crença. Assim como Cazuzza, o restante da geração coca-cola - que teve a década perdida como pano de fundo - se sentia órfão da utopia. Na era pós-queda do muro de Berlim, a juventude está cada vez mais desalentada. O comunismo fracassou, mas os problemas para os quais a utopia comunista chamou atenção continuam existindo. Para onde caminham, então, os anos 90?

Taxada de alienada, superficial e destituída de projetos, a juventude atual tem, porém, alguns defensores. O jornalista Felipe Pena, que tem 27 anos, defende em seu livro, "A volta dos que não foram", que o fim dos regimes totalitários não acarretou o fim das utopias.

"Em 1968, havia a utopia de um mundo socialista e melhor. Hoje, as uto-

pias só mudaram de cores. Eu lia os livros sobre essa época e queria lutar com o Marighela, com o Lamarca no sertão da Bahia, discursar para os estudantes. Só que, quando chegou a minha vez, aquele mundo dividido não existia mais. Sou da geração que não esteve no Araguaia, não seqüestrou embaixadores, não deu tiros na guerrilha, mas que quer assumir seu lugar na história deste país", diz o jornalista.

Felipe Pena discorda de Cazuzza. "Ele não vendeu seus sonhos, muito pelo contrário, ele os quer manter. Também acho que o mundo hoje está carente de grandes projetos políticos do tipo que tínhamos décadas atrás, como comunismo, capitalismo, ou até mesmo os fascismos. Só que o fato de não haver projetos fechados, com embasamento teórico e tudo mais, não significa que não haja coisa alguma", analisa.

Há quem duvide de que o suposto fim das ideologias carregue, de fato, a

conotação de tragédia. Sobre este tema, o ensaísta Hans Magnus Enzensberger escreveu: "É compreensível que tantos homens lamentem o desaparecimento da utopia. Contudo, a lamentação pode facilmente toldar a visão de quem se lamenta. A tão difundida assertiva de que é impossível viver sem uma utopia, terá, no máximo, 25 % de verdade". Fica a dúvida.

A crise ideológica que se estabelece no final do século XX tem relação direta com o fracasso dos grandes modelos revolucionários de transformação do mundo. Estes, que outrora contaram com o esforço coletivo para se tornarem realidade, agora não têm como se sustentar, visto que o individualismo se mostra incontestável. Afinal, como unir uma população em torno de um grande projeto se esta não acredita numa solução coletiva?

A crise é sim resultado do fim das utopias. O que se vê são projetos parti-

culares que não dão conta dos problemas da comunidade, mas de um determinado segmento dela. Segundo Hobsbawm, o que vivemos é “um aparente fracasso de todos os programas, velhos e novos, para controlar e melhorar os problemas da raça humana”. A solução, segundo ele, seria tentar descobrir os “defeitos inatos” do capitalismo para se construir um outro viés, - ou uma terceira via, para se usar a expressão em voga atualmente - uma vez que o comunismo já está morto e enterrado.

A crise ideológica que se deflagrou no fim deste século é, ao mesmo tempo, causa e consequência da descrença nos projetos revolucionários pois, se por um lado o individualismo atual impede que as pessoas se unam em torno de uma mesma idéia para melhorar a sociedade em que vivem, por outro, o colapso dos projetos já postos em prática contribui para tal descrença.

Na ausência de uma ideologia, os indivíduos se voltam, cada vez mais, para dentro de si mesmos, sendo a subjetividade a única conexão possível. O partido do “coração partido” ganha, assim, adeptos no mundo inteiro. Agir individualmente parece ser a norma geral, uma atitude típica da era chamada pós-moderna. (ver box na pág. 39)

Dessa forma, o que ocorreu foi uma reinvenção do conceito de comunidade quanto à partilha de vários valores comuns, em detrimento da noção de sociedade como algo mais amplo e recheado de instituições e regras. Não há mais, pois, um plano único que seja válido para todas as ocasiões. A pergunta parece pairar no ar: Por que eu lutaria pelos outros, se o que interessa é, simplesmente, a *minha* sobrevivência?

Contexto histórico

O fim do comunismo, marcado pelo desmoronamento da antiga União Soviética e a reunificação alemã, provocou o mais completo ceticismo em relação a este modelo. Assim, as conquistas comunistas, que levaram anos para serem concretizadas, caíram por terra junto com o muro divisor da Alemanha.

Afinal, acreditar que o mercado é o único canal possível de organização da sociedade não deixa de representar uma ideologia.

“A aceitação do comunismo pelas ‘massas’”, escreveu Hobsbawm, “dependia não das convicções ideológicas ou outras semelhantes mas de como julgavam o que a vida sob regimes comunistas fazia por elas, e como comparavam sua situação com a de outros”. Enquanto a vida capitalista do ocidente pôde ser escondida das populações sob o regime comunista, tal aceitação era irrestrita. Mas, ainda segundo Hobsbawm, “assim que não foi mais possível isolar essas populações do contato e conhecimento com outros países, seus julgamentos foram céticos”.

Porém, no final do século XX, longe da prosperidade de outrora, o inimigo histórico do comunismo, o capitalismo, não anda muito bem das pernas. A vertente capitalista ultra-liberal vem se mostrando irresponsável, o que pode ser comprovado pelos sucessivos sinais que

indicam que o mercado não se basta. As inúmeras e graves crises pelas quais a economia globalizada passou durante a década de 90 (México, Argentina, Japão, Indonésia, por exemplo) não nos deixam esquecer. Diante deste panorama, algumas questões são inevitáveis: pode um país crescer sendo as questões sociais negligenciadas? Será que o Estado mínimo tem condições de sobreviver?

Embora o neoliberalismo (ou paleoliberalismo, como alguns ironicamente o chamam) se mostre cético em relação à política, ele não deixa de ter um viés ideológico. Afinal, acreditar que o mercado é o único canal possível de organização da sociedade não deixa de representar uma ideologia.

A chamada terceira via constitui-se com a união entre a preocupação com o aspecto social e o conceito de Estado mínimo, moderno, enxuto, dentro da dinâmica do capital transnacional. As vitórias de Blair, na Inglaterra, de Schroeder, na Alemanha, e de Jospin, na França, - três líderes defensores desta terceira via - não são meras coincidências.

E os movimentos que recuperam projetos políticos do passado, como entram neste contexto? Pode parecer sintomático que, em meio a uma crise ideológica, as pessoas se voltem para algo já realizado como uma forma de satisfazer seus anseios por uma crença. Os neonazistas, por exemplo, se proclamam seguidores de Hitler, e, assim como ele, são xenófobos de carteirinha.

Para Adriana Vianna, professora de História, a xenofobia é um fenômeno historicamente recorrente. “O nacionalismo extremado existe em várias épocas diferentes da História. Os neonazis-

CALVIN & HAROLDO



tas são jovens que, em sua maioria, pertencem à parcela da população urbana que se sente oprimida pelo sistema. Eles se enquadram no contexto específico das duas últimas décadas deste século, um tempo em que a reorganização da Europa provocou uma onda de desemprego, favorecendo o surgimento deste tipo de grupos radicais. Eles temem perder seus empregos para imigrantes de países periféricos, e, assim, os discriminam”, explica Adriana.

Segundo a professora, tais grupos escolheram os símbolos nazistas para marcar bem quem são eles e quem são os outros, isto é, o que eles querem é demarcar quem tem “direitos” em seu país e quem não tem. A inspiração básica dos neonazistas é a idéia de consertar o mundo. Assim, eles cultuam o físico e partem para uma guerra contra tudo o que consideram que está deteriorando o planeta. Nada mais sintomático em um mundo onde impera a descrença nas soluções coletivas.

No Brasil, grupos que se assemelham aos *skinheads* europeus, formam uma tribo urbana constituída, fundamentalmente, por jovens operários, que passam o tempo de folga espancando judeus, mestiços e negros. No ano passado, em São Paulo, desencadeou-se um surto de agressões a migrantes nordestinos. Houve até mesmo tentativas de assassinatos. Vários dos agressores foram presos e confessaram que a ação planejada contra os nordestinos deveu-se ao fato deles serem considerados responsáveis pelo caos social daquela capital. Essa acusação é a mesma que os imigrantes pobres que vão para a Europa em busca de trabalho recebem.

Juventude apolítica

O homem é, essencialmente, um ser político. Quatro séculos antes de Cristo, o filósofo Aristóteles pregava que sem a vida em sociedade não seríamos homens no verdadeiro sentido do termo. No final dos anos 90, vivemos em sociedade, mas nossos projetos coletivos estão em crise. O que será de nós, então?

Atualmente, há um esvaziamento do conceito de política como algo presente na vida cotidiana. Assim, a única forma de gerir a vida pessoal é indivi-

dualmente. Modo de agir que segue a mesma lógica do mercado. Desiludidos, os jovens são um exemplo de como o fim das utopias se reflete no âmbito da política.

Em 1998, o número de jovens que tirou o título de eleitor foi três vezes menor que nos anos anteriores. Por que os jovens abriram mão de antecipar sua participação no processo eleitoral? Seguindo eles, porque não acreditam nos políticos e duvidam que seu voto irá alterar a forma como o país está sendo governado.

“Hoje em dia, ninguém crê mais em mobilizações. A preocupação é com a saúde, com o corpo, com a aparência”, declara Paula Gomes, 16 anos, numa crítica à sua própria geração. Os jovens se individualizam sob uma forte influência da indústria cultural. Eles se sentem únicos, mas são parecidos na maneira de se comportar e se vestir. Saem às ruas com seus tênis, suas camisetas e suas calças jeans, sem protestos, sem preocupações.

O mais interessante é que a descrença dos jovens em projetos coletivos nasce, muitas vezes, do discurso que eles ouvem dentro de suas próprias casas, vindo da boca de quem, há trinta anos, queria mudar o mundo. A geração que acreditou, foi à luta e perdeu, não quer ver seus filhos passarem pela mesma decepção de verem seus sonhos desmoronando no choque com a realidade.

“Digo aos meus filhos que é preciso sonhar sim, ter projetos pessoais e coletivos, mas com os pés no chão. Na vida real, o buraco é mais embaixo”, conta o médico Gilberto Mendes, 51 anos, que, na década de 60, chegou a participar de passeatas do movimento estudantil. E completa: “Foi muito duro para a minha geração perder a ingenuidade. Nós achávamos que era só sair às ruas e protestar para mudar o mundo. Mas não é assim.”

A geração atual se vê, então, numa situação bem mais complicada do que a de seus pais. Eles tinham inimigos concretos: o sistema, a moral, e, na maioria das vezes, os seus próprios pais, que representavam essa ordem. Era fácil ser rebelde em relação às proibições impostas pela família, pelas instituições, pelo governo.

Mas quem são os inimigos numa

David Harvey transcreve, em seu livro “A condição pós-moderna”, a declaração de um famoso ensaísta americano sobre o fim do século XX. Esta dizia:

“O que aparece num nível como o último modismo, promoção publicitária e espetáculo vazio é parte de uma lenta transformação cultural emergente nas sociedades ocidentais, uma mudança da sensibilidade para a qual o termo ‘pós-moderno’ é, na verdade, totalmente adequado. Há uma notável mutação na sensibilidade, nas práticas e nas formações discursivas que distingue um conjunto pós-moderno de pressupostos, experiências e proposições do de um período precedente”.

No contexto pós-modernista, o projeto único de organização da sociedade é colocado de lado. Agora, qualquer explicação totalizante para a sociedade fragmentada é vista com desprezo. Estamos diante, então, de uma armadilha do projeto pós-moderno. A competitividade faz com que, na luta pela sobrevivência, cada um lute por si próprio, não importando o que aconteça com os outros. Este “cada um por si” enfraquece o homem individualmente, já que, quando se luta junto, mais fácil é alcançar o objetivo que se almeja.

época em que os pais não se colocam na posição de repressores, mas de amigos que até advertem seus filhos quantos aos perigos do mercado? Em que a iniciativa privada não aponta outro motivo das disparidades sociais a não ser a incapacidade dos próprios indivíduos em se adaptar às exigências da globalização? Qual o inimigo numa sociedade que permite a cada um “ganhar o mundo” através de um computador?

Não é difícil concluir que uma geração com tais características precisa de uma crença, algo em que se apoiar para não continuar no marasmo apolítico em que se encontra. O fim das utopias e a exacerbação do individualismo são processos para os quais não podemos fechar nossos olhos. Como diziam nossas avós, o pior cego é aquele que não quer ver. Talvez, quando resolvermos enxergar o que já há muito nos é mostrado, será tarde demais. Ou, como escreveu um ensaísta deste século, “deixemos o otimismo para aqueles que não se importam em ser enganados e manipulados”.